



**I SEMANA NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEPB: História,  
Interdisciplinaridades e Cultura**

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 19: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE LOCAL:  
EXPERIÊNCIAS DE ENSINO, DE PESQUISA E DE EXTENSÃO**

**A EDUCAÇÃO FEMININA E A REPRESENTAÇÃO DOS PERFIS NORMALISTAS  
NOS PERIÓDICOS PARAIBANOS: Dos Relatos às Imagens**

*Maria Aparecida da Costa Silva – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),  
cidacosta0713@gmail.com*

**Resumo:** O perfil educacional não se resumiu apenas ao contexto das escolas, para além do mundo educacional os periódicos voltados à imprensa pedagógica publicaram em suas páginas as atividades realizadas dentro das escolas, o cotidiano das atividades e o que estava além dos muros das instituições. Com objetivo de mostrar a sociedade, os tipos de trabalhos desenvolvidos, desde os integrantes da grade curricular, os trabalhos manuais, os exercícios e os cuidados com o corpo e higiene, orientação como cuidar da beleza e estética, divulgação das atividades culturais, bem como exposições em fotografias das mesmas, resultados dos exames aos quais eram submetidas as alunas, sendo essa uma prática comum no Brasil republicano, por compreendê-la como um ato público capaz de tornar legítimas as aprovações. Nossa intenção de pesquisa propõe-se a analisar o perfil da educação feminina e os perfis normalistas publicados em alguns periódicos da Paraíba, entre os anos de 1921 a 1935, priorizando os relatos, a análise das imagens dos perfis normalistas, as atividades realizadas no Instituto Pedagógico e os assuntos cotidianos do referido instituto. A documentação selecionada para análise consta de jornais da época, a exemplo do Jornal Comércio de Campina, o Jornal e a Revista Evolução. A documentação a ser pesquisada encontra-se na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (Campina Grande). Metodologicamente destaca-se a importância da imagem nas análises feitas e os relatos transcritos nos periódicos. Os resultados obtidos contribuem também para um conhecimento aos educadores paraibanos, mais especificamente aos docentes campinenses, de como se construiu a prática de educar e o processo educacional a partir da leitura de impressos pedagógicos.

**Palavras-chave:** Educação. Instituto Pedagógico. Perfis normalistas. Imprensa pedagógica.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho analisa as várias formas de representação da educação a partir dos periódicos paraibanos<sup>1</sup>, priorizando o perfil da educação feminina, suas representações, os relatos transcritos nos periódicos, a análise dos perfis normalistas, as atividades realizadas no Instituto Pedagógico e os assuntos do cotidiano do referido instituto. Por muito tempo os pe-

---

<sup>1</sup> Entre as fontes mais consultadas estão a “Revista Evolução” e o “Evolução Jornal”, impressos pedagógicos produzidos pelo Instituto Pedagógico. A revista circulou entre os anos de 1931 e 1932, em tiragem mensal. Já o jornal possui duas versões, a primeira que circulou entre os anos de 1934 e 1935 e a segunda de 1958. Ambas as fontes são encontradas na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (Campina Grande).

riódicos foram usados em espaços formais e não formais de educação como materiais para o estudo das letras e as divulgações em torno das atividades produzidas pelos institutos de educação.

Portanto, para compor esse artigo trabalhamos as questões supracitadas, uma vez que pensamos em discorrer sobre a Escola Normal João Pessoa, anexa ao Instituto Pedagógico, um espaço de formação docente detentor de uma cultura escolar muito própria, a qual obedecia às normas pedagógicas do tenente Alfredo Dantas, então diretor do instituto. Sendo fundado por ele em 17 de fevereiro de 1919, o instituto era concebido como uma escola modelo por trabalhar as “escolas anexas”, contendo os ensinos primário e secundário, tornando-se o primeiro estabelecimento de ensino no interior da Paraíba conferidor de títulos técnicos profissionais.

Criada em 1928, a Escola Normal João Pessoa foi fundada pela professora Otília Sampaio Xavier. Recebeu esse nome em homenagem ao presidente da Paraíba na época, por vê-lo como “símbolo do dever e da justiça, o exemplo vivo e dignificante dos nossos costumes, o padrão civil da nova geração brasileira” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 8). Com o intuito de prestar um tributo e “póstuma gratidão ao inolvidável benfeitor daquele curso, os dirigentes do Instituto Pedagógico, com o seu corpo docente, por unanimidade de votos, o instituíram como paraninfo da Escola Normal, anexa ao referido educandário: João Pessoa” (idem).

A heroicização de João Pessoa e as novas ações desenvolvidas durante o governo de Getúlio Vargas foram temas recorrentes nos impressos escolares, que ensejavam à presença desses “heróis” na constituição de uma memória escolar. A Revista Evolução em suas diversas versões trouxe artigos com um cunho de sacralização aos eventos marcantes da vida desse personagem político paraibano, convocando os alunos a espelharem-se em seus exemplos.

#### A memória do presidente João Pessoa

Não é preciso mais definir quem transpôs o limiar da glória. Não é mais necessário falar de um morto, hoje, redivivo. Nem dizer a razão de uma homenagem póstuma ao magno presidente João Pessoa. Ele já subiu tanto que seria preciso dizer: regressa a terra, num cílico, aproxima-te mais um pouco para que te não percamos de vista. Digna-te vir aos pequeninos que nas escolas carecem de tua assistência, como a terra planta dos raios solares. Tu, que não cabe no Brasil, tão grande és que te fizeste magno entre os maiores e mínimo entre os pequeninos! (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 10).

Morto estava o presidente, mas sua imagem viva permanecia nas páginas da Revista Evolução, nas paredes do Instituto Pedagógico pela Escola Normal João Pessoa e nas falas das normalistas que convocavam a mocidade campinense a “seguir o exemplo do nosso que-

rido presidente João Pessoa, que tanto elevou a Paraíba” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 19).

A Revista Evolução ficou conhecida como “Evolução, mensageiro pedagógico, literário, noticioso e de interesses gerais, especialmente os de instrução”, foi produzida pela direção do Instituto Pedagógico, formado pelo diretor Alfredo Dantas de Góis, redator-dirigente Heronides Campelo e a redatora-secretária Teté Campelo, entre os anos de 1931 e 1932. A revista ficou conhecida por noticiar fotos e propagandas referentes ao próprio Instituto, e temas relacionados à história de Campina Grande e cidades circunvizinhas. No primeiro número da revista aparece uma nota dos redatores com o título “A nossa revista”, que diz o seguinte:

Sendo a “Evolução” o reflexo pedagógico do Instituto Pedagógico e Escola Normal João Pessoa, sob a direção do espírito do grande combatente que é – tenente Alfredo Dantas, pela causa da educação da mocidade campinense, todavia não se restringe a veicular ideia e fatos de seu exclusivo interesse. A sua finalidade é mais nobre agremiar inteligências cultas no intuito de coordenar esforços no apiário das letras. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 9).

Outra característica da revista é a forma como a mesma homenageia em suas capas<sup>2</sup> pessoas ilustres da cena estadual como, por exemplo, o criador do Instituto Pedagógico, o tenente Alfredo Dantas, Antenor Navarro, João Pessoa (ex-governador do Estado), o professor Clementino Procópio, o prefeito Lafaete Cavalcante, Dr. Arlindo Correia (até então diretor do Posto de Higiene e Profilaxia Rural de Campina Grande), Dr. Severino Cruz (diretor de Higiene Municipal), Heroltides Mathias de Oliveira (professora normalista da Escola Normal).

---

<sup>2</sup> Lembrando que a Revista Evolução foi produzida em oito exemplares, sendo que os últimos se encontram em apenas um único número (o 8 e o 9).



**Figura 01 – Capas da Revista Evolução**

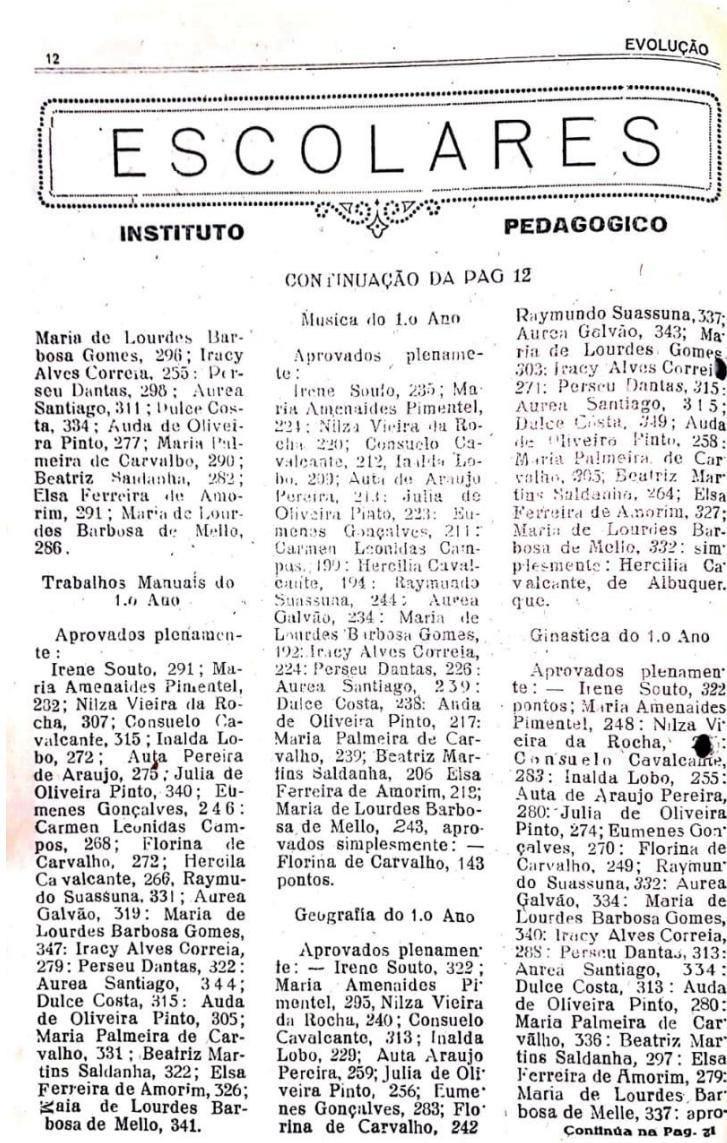
Fonte – Revista Evolução, 1931.

## 2 DOS RELATOS ÀS IMAGENS

A partir das análises das imagens e dos relatos publicados na Revista Evolução é possível compreender como era o cotidiano escolar das jovens alunas do Instituto Pedagógico, bem como as atividades desenvolvidas por elas, a exemplo dos exames avaliativos realizados, a disciplina e exposição de trabalhos manuais, a disciplina de Ginástica e os cuidados com a estética, a higiene do corpo que determinava a beleza da normalista, assunto cogitado no Evolução Jornal.

Os exames avaliativos realizados por essa escola anexa dividiam-se em “exames de passagem” e “exames finais”. As discentes aprovadas tinham seus nomes e as notas conquistadas publicadas na Revista Evolução. Em pesquisas observamos que essa prática de publicar os resultados dos exames em impressos jornalísticos parecia ser comum no Brasil republicano, por corresponder a um ato público que tornava legítimas as aprovações.

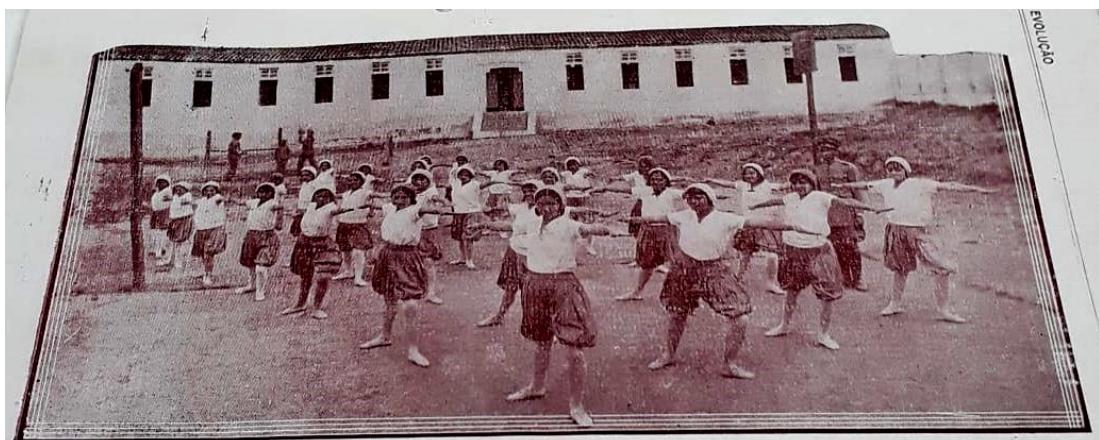
Nesse período também era comum encontrar conceitos como “simplesmente”, “plenamente” e também “aprovação com distinção” para definir o nível da aprovação nesses exames. Assim as notas eram transformadas em conceitos na Escola Normal João Pessoa. Tais exames expressavam a capacidade provada das alunas “em concursos rigorosos com programas que abrangem conhecimentos exigidos para um bom docente primário”, afinal, “a boa escola retrata a fisionomia didática do mestre” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 22).



**Figura 02 – Matéria da Revista Evolução com conceitos de aprovação**  
**Fonte – Revista Evolução, 1931.**

A disciplina de Trabalhos Manuais referenciava enfaticamente o universo feminino, pois se voltava aos trabalhos com agulha, incluindo o bordado. As exposições de trabalhos manuais e prendas domésticas das alunas do Instituto Pedagógico eram relatadas com esplendor e publicadas na Revista Evolução.

No currículo da Escola Normal paraibana, desde 1900, também estava a disciplina de Ginástica, primeiramente implantada para aperfeiçoar o físico, a moral e o intelecto do professorado em formação, sem necessariamente integrar o exercício futuro do Magistério. A Figura 03 a seguir demonstra uma aula de Educação Física comandada pelo sargento Moisés de Araújo.



**Figura 03 – Alunas da Escola Normal João Pessoa fazendo aula de Ginástica**

**Fonte** – Revista Evolução, 1931.

No Instituto Pedagógico a professora normalista Francisquinha de Amorim, em artigo com o título “Cultura física: para a família campinense”, sai em defesa dos favores físicos que a Educação Física (Gymnastica) traria para o desenvolvimento físico e intelectual das jovens alunas do instituto. Questionando o fato dos estabelecimentos de ensino de Campina Grande, em sua maioria, rejeitar a prática dos exercícios físicos como parte constitutiva de suas grades de ensino.

Em todos os meios adiantados, já foi provada a grande importância da cultura física, porém em Campina Grande, cidade leader, do interior do Nordeste brasileiro, esta verdade ainda não está evidente.

Nossa gente tem ojeriza a tudo que se relaciona a esta instrução, para o sexo feminino.

É tachada de leviana, de fútil, e, até de louca, a jovem apta dos esportes.

Há quem censure a educação do Instituto Pedagógico, porque neste estabelecimento a Gymnastica (um dos fatores da saúde humana) e outros exercícios físicos fazem

parte integrante de seus programas de ensino. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 26).

A professora Francisquinha foi uma notável e árdua advogada da causa feminina, defendendo que “além da Gimnastica que deve educar sem coagir, temos os jogos, corridas, etc., que servem para desenvolver espontaneamente as atividades das meninas e das moças, os quais oferecem ótima oportunidade de se conhecer a personalidade de cada uma” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 26). Ainda nessa perspectiva, ela cita em artigo que discute a “educação feminina no Brasil”:

Entre nós, infelizmente, ainda não se cogitou de dar à mulher uma educação que a prepare para desempenhar a missão importante na terra. Nossa instrução é muito diferente, mercê dos poderes públicos e dos preconceitos tolos dos pais de famílias. Entendem aqueles que, a mulher só tem utilidade no lar; pensam estes, a moral de suas filhas será abatida, si elles exerçerem um emprego fora de suas vistas. E por isto, aqui mal se educa a jovem para ser esposa ou irmã, nunca, porém, para ser viúva, solteira ou divorciada. [...] Urge libertarmos a mulher da ignorância, da mizeria, e elevá-la de escrava à companheira e competidora do homem. Ao lado deste poderá ela ter um papel mais evidente. Queremo-la apta para exercer qualquer profissão liberal ou manual. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 6).

Ao criticar situações que aprisionavam a mulher a uma cultura patriarcalista e machista, a professora Francisquinha Amorim anunciava que “Comumente, as moças mais cultas estudaram um pouco a Língua Materna, Inglês, Francês, Pintura e Música, sempre para ornamentarem o espírito, jamais para fazerem disso uma profissão” (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 6). A profissão e a autoria em alguns textos existentes da revista marcam a conduta dessa mulher, a qual com uma visão distinta das mulheres contemporâneas de sua época denuncia: “Seríamos um povo mais próspero, si o elemento feminino, maior que o outro, agisse em todos os ramos da atividade humana” (idem).

Se a moça rica perde seus pais, sua herança cai nas mãos de um tutor indolente ou de um esposo estróïna, e, em poucos dias a fortuna desaparece; então a infelicidade bate-lhe à porta. Se a das outras classes ficam órfãs, têm sua subsistência a custo de subscrições nascidas de almas generosas e filantrópicas, enquanto não surge um casamento que as tire de tamanha humilhação! Sujeitam-se às vezes a casar sem a mínima parcela de amor, sacrificando assim sua felicidade, tão somente para terem o pão cotidiano e adornos com que se apresentem no palco da sociedade, dissimulando ao público o que vai de tortura âmago do coração. E forçoso é dizer, estas ainda são as mais felizes. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 6).

No quesito das representações sobre as mulheres professoras, em um artigo de posicionamento patriarcalista, publicado na Revista Educação, as mulheres são comparadas aos livros, como cita J. Lopes de Almeida, em “As mulheres e os livros”:

Essas raparigas divertidas, muito alegres, são parecidas com os livros humorísticos: nos despertam curiosidade, queremos lê-las a todo custo [...]. As mulheres sisudas, no mais das vezes severas, assemelham-se demais aos livros de direito – só as consultaremos em caso de questões ou para recordarmos alguma coisa que havíamos esquecido anteriormente. Essas donas de casa sempre prontas a nos aconselharem, querem tomar as formas de um romance: são bondosas, pacientes e muito boas conselheiras [...]. E essas velhas que usam óculos, carrascas e caprichosas de propensão, para as quais nada está bem feito, iguala-se perfeitamente aos livros de críticas: querem que tudo lhes sejam subordinados. Convém advertir aos leitores que esta última espécie citada pelo autor nunca é mais, nem menos que uma sogra. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 27).

O cotidiano e os perfis normalistas foram transcritos através de relatos, como de imagens publicadas tanto na Revista como no Jornal Evolução, possibilitando outros elementos para historiografar traços da cultura escolar da instituição estudada. A seguir podemos observar o relato do cotidiano e do comportamento escolar.

Pensando na minha classe...

Vou, ligeiramente, dar o perfil dos meus inesquecíveis colegas de classe.

Adélia: Gaiata, leva de vez em quando uma repreensãozinha na classe. É louca pelo francês, mas é realmente vadia.

Janete: Que posso dizer desta minha vizinha? Vive constantemente a ajeitar suas belas madeixas. Vaidosa... outrora era mais dedicada aos estudos. Gosta muito dos penteados modernos!

Ivanete: Sonsa... vez por outra bota sua unha de fora... Essa nossa colega é impressionada com o aperfeiçoamento de sua plástica. Tem horror à gordura e está sempre a me perguntar: Eu estou mais magra?

Guia: Que posso dizer de você? Que não gosta muito do uso do pente e é uma boa jogadora de academia. Você precisa ser um poucochinho vaidosa.

Stela: Baixinha, olhos grandes e expressivos. Ela às vezes é impagável. Esta sempre a nos fazer rir. Estuda mais coreografia, minha Stela.

Olívia: Gorda e corada. É amiga inseparável de Normanda. Quando está zangada fica tão vermelha como um camarão.

Antônio: Nossa prezado colega. Ele não pode dar nenhum sopro nas lições às colegas, porque quando fala é mesmo que um trovão, os professores ouvem logo a sua voz. (JORNAL EVOLUÇÃO, 19/08/1934 *apud* ANDRADE, 2017, p. 66).

Historicamente, tanto as professoras como as alunas, as normalistas eram concebidas como exemplos, portanto, além do conteúdo curricular, elas eram fiscalizadas por um código disciplinar que impunham moda a corpos magros, cuidados com a estética e a higiene do corpo.

Conselho higiênico

Dos pés até a cabeça / Traze o corpo bem lavado / Quem apenas lava a cara não passa por asseado. / Deita-te cedo, meu filho / Ergue-te cedo também. / Quem assim faz e trabalha / Mui bela saúde tem. / Deves usar sempre largo / Todo o teu fato e calçado / O sangue não gira bem / Quando o corpo anda apertado. / A casa em que morares / Deve ter sol e muito ar. / De casa que assim não seja / Deves-te logo mudar. / Evita dentro de casa / Toda a poeira e mau cheiro / E não durma no teu quarto / Sem

o arejar primeiro. / Essências, flores e plantas / Cujo aroma é de encantar. / No teu quarto não as queira / Quando te fores deitar. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 19).

Associada também a uma questão estética, a higiene do corpo determinava a beleza da normalista, assunto cogitado no Evolução Jornal.

#### Mais cuidado com os cabelos – Conselho às moças

Nesta página, que me foi gentilmente reservada pelo diretor da Evolução, com a advertência apenas de versar sempre pelo assunto de interesse para os educandos, procurarei dar, em linguagem simples e desprestensiosa, noções úteis sobre questões de higiene, escolhendo de preferência as que dizem respeito ao asseio corporal. Começarei por falar de cabelo, o orgão mais maltratado do corpo humano, mostrando os cuidados que devem ser seguidos para sua perfeita conservação. A raspagem e o corte em nada influem na sua forma e crescimento [...] É de costume da nossa gente, em todas as classes sociais, untar constantemente os cabelos com óleos e brilhantinas, a pretexto de evitar que fiquem secos. Nada mais errôneo e prejudicial. [...] O ensabamento da cabeça é outra coisa que precisa ser feita com cuidado e parcimônia. Seu uso imoderado é prejudicial. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 14).

Outra característica importante que fazia parte do cronograma de atividades extracurriculares do Instituto Pedagógico eram as festividades nas quais eram expostas as atividades produzidas pelas alunas, a exemplo de: teatro, música e canto orfeônico, exposição de artes plásticas, trabalhos manuais e prendas domésticas, como o bordado, desenhos e pontos diversos.

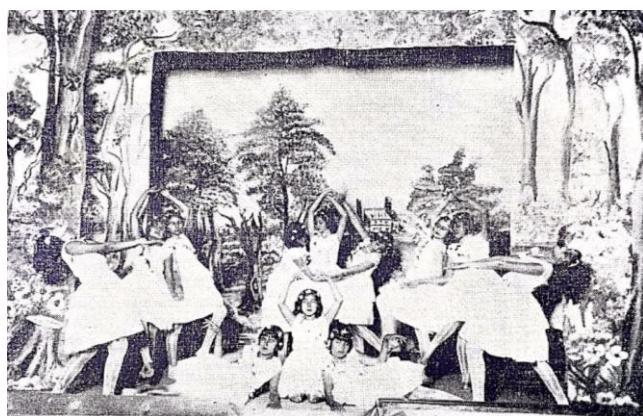
#### Uma festa de arte dos alunos do Instituto Pedagógico

A sociedade campinense teve mais um ensejo de assistir à festa artística que foi levada na terça-feira, ao Teatro Apolo, pelos alunos e docentes do Instituto Pedagógico. Como de sempre, todas as festas promovidas por aquele educandário, se revestem de miríficos encantos que põem em relevo o grau de cultura daquele ambiente onde há distinção e expressivo gosto pela educação moral e intelectual dos educandos. Vários números foram apresentados com interpretação que demanda índice de marcada cultura espiritual. (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, p. 8).

Algumas das atividades citadas compunham um teor filantrópico, buscando arrecadar apoio financeiro para o recém implantado Hospital Pedro I, em 1931.



**Figura 04** – Coronel e sua garotas no Cineteatro Apolo  
**Fonte** – Revista Evolução, 1931.



**Figura 05** – Bailado clássico no Cineteatro Apolo  
**Fonte** – Revista Evolução, 1931.



**Figura 06** – Alunas representando ciganas no festival artístico  
**Fonte** – Revista Evolução, 1931.

A formatura das normalistas era o grande momento de conclusão do curso. Significativa era a projeção que essa solenidade adquiria no instituto e na cidade de Campina Grande, que raramente vivia “momentos de tanto júbilo, como aquele em que representada por todas as suas classes sociais, assistiu no último domingo à cerimônia empolgante da formatura de

suas jovens” (JORNAL COMÉRCIO DE CAMPINA, 17/12/1932 *apud* ANDRADE, 2017, p. 69).

Constituiu alto acontecimento social, inteiramente inédito para nossa terra, a colação de grau da primeira turma recentemente diplomada pela Escola Normal João Pessoa, dirigida pelo benemérito diretor Alfredo Dantas Correia de Góis. [...] Precisamente às 14 horas, o senhor interventor interino Dr. Argemiro de Figueiredo, subindo ao palco onde já se encontravam o diretor da escola, tenente Alfredo, e a secretária Maria Coutinho de Albuquerque, procedeu-se a chamada das diplomadas Euná Paiva de Oliveira, Herotildes Matias de Oliveira, Nair Gusmão, Carmem Eloy de Almeida, Maria de Lourdes Andrade, Noemi Carlos, Isaura Galvão e Adélia Araújo. [...] Procedeu-se, então, a cerimônia de colação de grau, sob juramento regulamentador recitado por uma das diplomadas e referendado pelas demais, fazendo logo o senhor interventor entrega do anel simbólico e respectivo diploma a todas as jovens professoras. (JORNAL COMÉRCIO DE CAMPINA, 17/12/1932 *apud* ANDRADE, 2017, p. 69).

## PERFIS NORMALISTAS

Algumas páginas da Revista Evolução, intitulada de “Perfis normalistas”, trazem fotografias de algumas estudantes normalistas, apresentando-as como jovens delicadas, suaves, modelos de comportamento, quando da sua passagem pelo Instituto Pedagógico, destacando-as como boas filhas, caracterizando-as como melhores docentes, quando ingressarem no Magistério. Quanto às alunas que já teriam se tornado professoras, são apresentadas por sua formação docente, a cadeira que ocupa, a habilidade diante das mesmas, a suavidade e o seu espírito perspicaz para entender as crianças.



**Figura 07** – Estudantes normalistas em destaque na Revista Evolução  
Fonte – Revista Evolução, 1931.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As publicações analisadas apontam o perfil da educação feminina no Instituto Pedagógico Campinense através dos relatos e imagens publicados nos periódicos analisados, de alunas normalistas e representação do feminino transcritas nas publicações das revistas e jornais ao cotidiano das jovens educandas que percorriam os caminhos do conhecimento, preparo e disciplina do corpo, aos cuidados com a estética e beleza. Aqui se pretendeu provocar reflexão.

xões historiográficas em torno das publicações do cotidiano das normalistas e do perfil de educação implantado pelo Instituto Pedagógico, através da exposição das imagens e da transcrição dos relatos apresentados.

#### **4 REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Vivian Galdino de. Escola Normal João Pessoa: Formação do professorado em Campina Grande (1928-1942). **Revista Lugares de Educação [RLE]**, Bananeiras – PB, v. 7, n. 14, jan./jul. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/index>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

REVISTA EVOLUÇÃO. Campina Grande: Instituto Pedagógico, Ano I, números 1, 2, 3, 4, 6, 7, 1931.